

# Pauline Delabroy-Allard Tudo isto é Sarah

Tradução de Ana Maria Pereirinha



1.

Isto fala de Sarah, da sua beleza inédita, do seu nariz aquilino de pássaro raro, dos seus olhos de uma cor inaudita, rochosa, verde, mas que não, não é verde, do seu olhar cor de absinto, de malaquite, de um verde-acinzentado sem brilho, dos seus olhos de serpente de pálpebras descaídas. Fala da primavera em que ela entrou na minha vida como alguém que entra em cena, cheia de energia, conquistadora. Vitoriosa.

2.

É uma primavera como tantas outras, uma primavera que deixa qualquer um melancólico. Há magnólias em flor nas praças parisienses e tenho para mim que isso deixa em carne viva o coração de quem repara

nelas. O meu coração fica em carne viva com as flores de magnólia nas praças. Olho para elas todas as noites, quando regresso do liceu, e todas as noites as suas grandes pétalas pálidas me fazem arder um pouco os olhos. É uma primavera como tantas outras, com aguaceiros imprevistos, o cheiro do asfalto molhado, uma espécie de leveza no ar, um sopro de alegria que canta a fragilidade de tudo.

Naquela primavera, eu caminhava como um fantasma. Levo uma vida que nunca pensei levar, uma vida sozinha com uma criança cujo pai desapareceu sem avisar. Um dia, ou melhor, uma noite, ele saiu de casa e depois. E depois nada. É portanto possível que assim, de um dia para o outro, quero dizer, *literalmente*, de um dia para o outro, deixe de haver, entre duas pessoas que se amaram durante anos, uma troca de olhares, de fala, de diálogo, de discurso, de zanga, de cumplicidade, de ternura, ou de amor. É esta loucura, esta aberração, que me constitui, dia após dia. Acho que a vida vai parar aqui. Não espero nada nem ninguém. Há um novo rapaz na minha vida, um rapaz búlgaro. Quando falo dele, digo *o meu companheiro*. Ele acompanha-me, é isso, acompanha-me nesta via dolorosa. Estou à espera. Há uma palavra que circula de forma lancinante na minha cabeça, a palavra *latência*. Digo a mim própria que tenho de procurar a definição no dicionário.

Sei que estou a viver um período de latência. Não sei quanto tempo durará, nem o que terá de acontecer para terminar. Entretanto, todos os dias se assemelham, entre as minhas obrigações como jovem mãe, as minhas obrigações como jovem professora, as minhas obrigações como filha, amiga, amante do rapaz búlgaro. Aplico-me a viver a vida. Não a vivo verdadeiramente. Mas sou boa aluna. Ponho a ponta da língua de fora com o esforço de concentração. Ando bem vestida, sou bem-educada, encantadora. Percorro as ruas do bairro de bicicleta, com a criança numa cadeirinha atrás de mim. Vamos ao museu, ao cinema, ao Jardin des Plantes. Acho-me bonita, dizem-me que sou gentil, atenta aos outros. Não faço ondas. Sou mãe de uma criança perfeita, professora de alunos notáveis, filha de pais maravilhosos. A vida poderia ter continuado assim por muito tempo. Um longo túnel sem surpresas, sem mistério.

### 3.

Um toque de campainha estridente como o estalar de um chicote, no meio deste apartamento onde reina uma atmosfera formal. Estamos todos apertados para a festa de fim de ano, três casais que se olham pelo canto do olho, surpreendidos por se encontrarem ali, tão bem-postos. Tudo é enfadonho,

a decoração do apartamento, os temas de conversa, as *toilettes* dos convidados. Tudo é estudado. Sérico. Rígido. O toque da campainha parece fazer sobressaltar os móveis, que não devem estar habituados. Murmúrios. É a Sarah, alegra-se alguém. Não sei quem é a Sarah. Sabes, sim, dizem-me, vocês já se cruzaram. Descrem-me as circunstâncias. Não me lembro de nada. A dona da casa vai abrir a porta do apartamento. É a Sarah, sim. Não a reconheço.

Ela chega atrasada, sem fôlego, a rir. É um tornado inesperado. Ela fala alto, depressa, tira do saco uma garrafa de vinho, petiscos, uma profusão de coisas. Ela tira o cachecol, o casaco, as luvas, o chapéu. Ela pousa tudo no chão, no tapete creme. Ela pede desculpa, brinca, faz piruetas. Ela fala mal, com palavras feias que parecem flutuar no ar muito depois de as ter proferido. Ela faz muito barulho. Não havia nada, só silêncio, risos afetados, expressões cerimoniais e, de repente, só há ela. É irritante. No seu vestido de noite, a dona da casa franze o sobrolho. Sarah não se apercebe disso, beija todos os presentes com vigor. Ela inclina-se para mim, cheira ao ar agreste de final de dezembro. Ela tem as bochechas vermelhas de quem veio a correr. Ela está demasiado maquilhada. Ela não está muito bem vestida, não trouxe a sua melhor roupa, não é elegante, não prendeu o cabelo com requinte. Ela fala muito, agarra-se a um copo de

vinho que lhe estenderam, uiva de riso com uma boa piada. Ela é animada, exaltada, apaixonada.

É como uma sequência em câmara lenta. O copo escapa-me da mão, o meu companheiro exclama oh, não!, o copo volveia no ar, toda a gente olha, ninguém pode fazer nada, já é tarde demais, o copo espatifa-se sem fazer ruído no tapete creme, todo o seu conteúdo se espalha e desenha uma forma abstrata, vinho tinto no tapete, uma bela pintura minimalista, eu empalideço, depois coro de vergonha, a dona da casa fumeja, no seu vestido de noite, é uma catástrofe, um desastre, o desenho vermelho no tapete creme, um imprevisto, um acidente. Uma falha.

Mais tarde, passamos ao jantar. Extasiamo-nos perante a bela toalha de mesa, os belos pratos e talheres, o belo menu. Os lugares estão estipulados. Somos sete. A dona da casa, no seu vestido de noite, declara quem se senta onde. Sarah é colocada ao meu lado. À minha direita.

#### 4.

Ela é violinista. Ela fuma cigarros. Ela está demasiado maquilhada, ainda é pior quando a vemos ao perto. Ela fala alto, ri muito, é divertida à sua

maneira. Ela usa palavras que eu não conheço. Ela tem uma gíria pessoal. Ela diverte-se com a língua, inventa expressões, faz rimas por prazer. Ela conta coisas engraçadas, histórias cheias de reviravoltas. Ela atende de boa vontade os meus pedidos de esclarecimento. Ela está viva. Durante a conversa, fico a saber que gosta muito de jogos de tabuleiro, de caminhadas na montanha, de cantar com as pessoas de quem gosta. Ela faz psicanálise há já alguns anos. Ela deita-se no sofá. Ela acha estranho falar de si própria num silêncio gelado. Mas volta lá à mesma, acha que é importante. Duas vezes por semana. Às vezes, três.

## 5.

Ao sairmos do prédio, de manhã cedo, caminhamos todos juntos até à estação de metro mais próxima. Abraçamo-nos no passeio, nesta estranha impressão de ser o primeiro dia de um novo ano. Já falamos do copo de vinho entornado como de uma anedota marcante, rebobinamos o filme, adicionamos pormenores, descrevemos as sobrancelhas franzidas da dona da casa, no seu vestido de noite.

O meu companheiro, referindo-se a Sarah:  
«E aquela, então, que rapariga tão engraçada!»

6.

Ela escreve-me nos dias seguintes, nos primeiros dias do novo ano. Estamos em janeiro, mas, mais uma vez, o milagre acontece. Mais uma vez, o inverno admite a derrota, arrasta-se um pouco mais e tenta uma última proeza, mas já é tarde, acabou, a primavera ganhou. Quando saio do liceu, o céu está muito alto, azulado, de um azul ligeiramente desbotado, como um tecido tingido. Nuvens preguiçosas são levadas pelo vento. A Lua, discreta, a um canto, também está presente, e que dia e noite coexistam como bons amigos faz-me tremer um pouco. As sombras ficam, de dia para dia, mais compridas no asfalto, e eu regresso com uma luz dourada como não há igual. As ruas de casas de pedra estão cheias de chilreios de pássaros, de conversas sem fim, e quase se pode ouvir os rebentos a despontar nos ramos, verdes, delicados, frágeis. Olho para a luz que tingi de rosa os topos dos edifícios. Quantas mais vezes me será dada a imensa sorte de testemunhar tudo isto? Quantas mais vezes poderei ainda ver este espetáculo? Uma vez? Quinze? Sessenta e três? Será a última vez, pergunto-me, será esta a última vez que eu posso sentir no corpo os frémios de uma nova estação? Ela escreve-me nos primeiros dias do novo ano. Primeiro, algumas poucas palavras, às quais respondo educadamente. Depois, cada vez mais. Ela diz que seria bom



revermo-nos. Ela propõe irmos assistir a um concerto na Philharmonie. Ela propõe idas ao cinema, ao teatro. Vemo-nos uma vez, duas vezes, cada vez mais. O inverno vai-se despedindo aos poucos, com passinhos de lá, sem fazer ruído.

7.

Numa manhã de março, escreve-me a dizer que está no bairro do meu liceu, pergunta se podemos almoçar juntas. Não posso. Não tenho tempo, tenho muitas coisas a fazer, seria embaraçoso se os meus colegas se apercebessem disso. Digo que sim. Escapulo-me à hora marcada, com uma estranha alegria no coração. O tempo está bom. Ela está à minha espera à saída do metro. Ela começa logo a falar, com muita rapidez, muito alto, fazendo muitos gestos com os braços. Ela tem os olhos a brilhar. Ela vai pela faixa de rodagem, parece zombar perdidamente dos carros que a podem atropelar. Ela provavelmente não vê que eu tenho ânsias de a puxar pela manga a cada cinco minutos, porque parece tão distraída, que tenho medo de um acidente. Ela está viva.

8.

No restaurante coreano, fala tanto, que o empregado vem saber do pedido pelo menos três vezes. Ela nunca está pronta. Ela diz-me que não sabe escolher, que é um problema que tem na vida. Que quer tudo e o seu contrário. Ela conta-me que, durante as greves que abalaram a França em 1995, aprendeu a pedir boleia em Paris. Nessa altura, tinha quinze anos. Olho para ela e já não a estou a ouvir, olho e interrogo-me como seria ela aos quinze anos, e como terá sido a vida nessa altura. Paris totalmente paralisada, emudecida, sem todos aqueles carros a rugir pelas ruas, ou pelo menos um pouco mais silenciosa, enrouquecida. Paris com um pico na garganta. E Sarah, com quinze anos, no meio de tudo isso, sem dúvida já com as pálpebras descaídas, sem dúvida já com a caixa do violino às costas, a caminhar como um equilibrista ao longo das calçadas do 16.º bairro, onde cresceu, com um polegar levantado, na esperança de que alguém a leve. Para o liceu, para o conservatório, para casa de amigos para ir ensaiar. Para o fim do mundo. É o que eu imagino. Com quinze anos, Sarah apanhou boleia em Paris porque queria ser levada para o fim do mundo. É o que eu imagino e aquilo que registei.

Mais tarde, quando me acompanha de volta ao liceu, ou talvez tenha sido na mesma conversa,

ela conta-me a primeira vez que bebeu cerveja com o pai. O dia ainda ia a meio, se bem me lembro, na memória dela o pai tinha vindo buscá-la quando ela regressava de uma semana noutra lugar, ou então ia acompanhá-la ao comboio. Em todo o caso, havia uma estação de comboios. É assim que imagino a cena. Sarah e o pai, ambos sentados nas cadeiras metálicas de um café de gare. É de dia, pleno dia, lembro-me de que ela mencionou isso quando me contava essa recordação. Ela é uma jovem, imagino que bonita, mas não sei. Dele, é difícil dizer qual o aspeto. Há quinze anos, talvez fosse moreno? Sorridente? Brincalhão, sentado à frente da filha adolescente? O tesouro da sua vida, a estrela dos seus dias, a sua queridinha. Ela fala-me dessa memória a rir, não sei porquê, mas ela ri, *a posteriori*, anos mais tarde, ela ri às gargalhadas da cara que ele fez quando ela pediu a primeira imperial, do orgulho que o tinha invadido então, pela segurança que ela demonstrava. Imagino o seu ar de bravata, a cor inesquecível da primeira cerveja corajosamente exigida, em pleno dia, sentada no café, com o pai. Ela conta-me esta recordação, e ri, não consegue parar de rir, tanto, que é quase contagioso. Quase vinte anos depois, ri-se de me contar a sua audácia.

9.

Pergunto-lhe como definiria a latência. Ela inclina um pouco a cabeça quando lhe explico que tenho esta palavra em sobreimpressão a imagens da minha vida, que não me sai da cabeça, que não sei muito bem porquê, mas que me obceca.

Após um silêncio: «É o tempo que decorre entre dois grandes momentos importantes.»

10.

Os dias passam. A primavera instala-se, calmamente, sem pressa. É uma primavera como tantas outras, uma primavera que deixa qualquer um melancólico. Sarah instala-se na minha vida, calmamente, sem pressa. Ela convida-me para ir ao teatro, ao cinema. Ela fuma cigarros na minha cozinha, numa noite em que a convido para jantar. Ela conta-me um segredo. Ela diz-me que é um segredo que nunca contou a ninguém. Ela não se apercebe da minha perturbação. Ela oferece-me o último disco que gravou com o seu quarteto de cordas. Um disco de Beethoven. Ela não sabe que nos dias que se seguem o ouço em *loop*. Ela não sabe que leio obras críticas sobre música de câmara. Ela não sabe que eu quero saber tudo,

compreender tudo, conhecer tudo. Ela não duvida de que me arrependo terrivelmente por não ter sido melhor aluna quando andei no conservatório.

O meu companheiro diverte-se com esta amizade súbita, repentina e um pouco brusca. Não lhe digo que, quando posso escolher entre passar tempo com ele ou com ela, é a ela que escolho. Vamos juntos, ele e eu, à bienal de quartetos de cordas na Philharmonie, para a ver tocar. É uma tarde de domingo. Quando chegamos, a sala já está cheia, já não há lugares. Eu tento convencer o homem da bilheteira, faço-lhe olhinhos, imploro, barafusto. O meu companheiro diz que não é grave, que os ouviremos noutra ocasião. Ele diz anda, vamos tomar um café lá fora, ao sol. Recuso-me a desistir. Choro de raiva. Ele não percebe o que se passa comigo. Acabo por conseguir dois bilhetes, à última da hora. Temos de nos sentar em assentos dobráveis, muito longe do palco. Franzo os olhos para ver o que acontece em cena. Descubro os outros três elementos do quarteto. Quando entram em cena, os quatro, em fila indiana, tenho vontade de desatar a rir, tal é o meu nervosismo. Pela primeira vez, vejo-a penteada, elegante, distinta. Traz um desconcertante vestido de concerto, muito comprido, negro, decotado nas costas. Cumprimentam o público antes de começarem a tocar. Estou sem fôlego. Quando termina o primeiro andamento do primeiro quarteto, quase desato a aplaudir.

Não conheço os códigos. Não percebo nada. Tenho os olhos cravados na sua pequena figura, lá longe, em cena. No *encore*, tocam algo que me surpreende. Dizem-me que é um movimento de um quarteto de Bartók, todo em *pizzicato*. Não percebo nada do que ouço. Aplaudo freneticamente, com muita força e por muito tempo, até me doerem as palmas das mãos.

11.

Ela pergunta-me o que vou fazer na minha quarta-feira sem a minha filha. Vou ao cinema, sozinha. Escrevo-lhe a dizer isso. Dou-lhe o nome do cinema, o horário da sessão. Surpreendo-me por ter a esperança de que ela esteja à saída, de que ela esteja à minha espera. O filme é sobre casos amorosos que permitem esquecer um verdadeiro grande amor. É um filme a preto e branco. A heroína é muito bonita. Penso que parece um filme da Nouvelle Vague. Saboreio este momento, sozinha, num cinema. Pergunto-me se ela virá. O filme termina. Precipito-me para a rua. Ninguém. Está a chover. Caminho em passo rápido, de cabeça baixa, olho para as minhas botinas a avançarem sozinhas nos paralelepípedos molhados da Rue de la Verrerie. O meu telefone toca. É ela. Ela pergunta onde estás, ela diz-me estou na Rue de la Verrerie, estou a chegar.

12.

Ela deseja-me que corra tudo bem quando, num dos primeiros dias de sol radioso, vou ao Palácio da Justiça. Mais tarde, à volta de um copo de vinho, pergunta-me como foi. Não deixa de me olhar nos olhos quando lhe conto a espera, o juiz, o pai da minha filha, a decisão de manter as visitas em fins de semana alternados, o sol muito quente que me batia, eu, que me tinha vestido de preto porque estava de luto por esse amor perdido.

13.

Ela propõe-me que vá com ela à Cartoucherie, ver uma peça de teatro. Ela espera por mim na estação de metro Château de Vincennes, na linha 1. Ela traz um vestido que não lhe fica nada bem, como é hábito. Ela cumprimenta-me com uma gargalhada alta, e fala durante todo o caminho através do bosque de Vincennes. A noite cai. Ela fala, fala, é uma autêntica matraca. Ela está viva. Ela faz perguntas sobre o meu trabalho, sobre o liceu onde eu ensino. Ela não pára de falar até as luzes se apagarem. No escuro, os nossos joelhos tocam-se.

14.

O teatro chama-se: Teatro da Tempestade.

15.

Ela ficou transtornada com a peça. Ela quer ir cumprimentar o ator que desempenhou o papel principal. Vejo-a abordá-lo com uma facilidade que me impressiona. Ela fala com ele com entusiasmo. Ele sorri. Ela pergunta-me se estou cansada, ou se temos tempo para ir tomar um copo. Ela acrescenta que, bem, a estação de metro de Château de Vincennes não é o melhor lugar do mundo para tomar um copo. Enfim, há um bar, Les Officiers. Ela entra. Senta-se. Pede as marcas de cerveja à pressão que têm. Eu peço o mesmo que ela, exatamente o mesmo, quando o empregado me pergunta o que quero. Ela parece triste, um pouco abatida, com um ar que nunca lhe vi. Ela pergunta se podemos sair para ir fumar um cigarro. Ela fica a olhar para os pés. Está um pouco fria, a noite escura. Ela sopra o fumo em direção ao céu, forma uma nuvem que se junta às outras nuvens. Ela mergulha os olhos nos meus. Ela diz acho que estou apaixonada por ti.



**A história de uma paixão hipnótica, uma estreia literária fulgurante, a comparação aos grandes escritores: todos os ingredientes que fazem de Pauline Delabroy-Allard uma das grandes vozes da nova literatura francesa.**

«Na área de serviço da autoestrada entre Paris e Honfleur, ela beija-me como se fosse a primeira vez. Tudo isto é Sarah, imprevisível, ondulante, desconcertante, versátil, aterradora como uma borboleta noturna.»

Numa festa de fim de ano em Paris, duas mulheres conhecem-se. Uma é professora, mãe solteira, e sacode a rotina com uma relação passageira. A outra é violinista, excêntrica, caprichosa, com uma beleza fora do comum e uma *joie de vivre* contagiante, e entra na vida da professora como entrou na festa: ofegante, luminosa, falando e rindo demasiado. É Sarah.

Sucedem-se encontros improvisados, almoços, concertos, teatro, cinema, o idílio da primavera em Paris ao som de Beethoven. Contra todas as expectativas, brota entre ambas uma paixão avassaladora, uma voragem que ora acelera ora distende as horas. É um caso de *amour fou*, uma tempestade que tudo arrasta, uma obsessão que tudo consome, até que uma inflexão leva a história de Sarah e da amante ao acorde final.

É possível morrer de amor? E que restará da grande paixão? Mais do que memórias, feridas e vazio?

Uma história carregada de beleza e tragédia, escrita com liberdade, ímpeto e poesia por Pauline Delabroy-Allard, que com este primeiro romance conquistou a crítica literária, foi comparada a Marguerite Duras e Annie Ernaux, e chegou às portas do Prémio Goncourt.



**«Há laivos de Duras, Nabokov e Barthes no âmago pulsante deste magnífico romance.»**

*L'Express*

**«Tudo isto é Sarah oscila de forma impressionante entre o caos e o barulho do amor e o silêncio e a solidão.»**



*The Observer*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895833382



9 789895 833382 >